

profundidade, de modo que se descubram razões capazes de tranquilizar a consciência dos cristãos.

É de louvar o esforço e, sobretudo, a sinceridade do Autor. Praza a Deus, que, sempre com caridade, sem críticas mordazes ou considerações intempestivas, continuem as investigações a fim de que a Teologia Moral se renove em sentido verdadeiramente eclesial, quero dizer, em espírito de verdade.

— José Arieiro.

BALAGUER, José Maria Escrivá de, Es Cristo que pasa. Ed. Rialp. Vol. de 424 ps. 112×166. Madrid 1973.

Os livros de Escrivá vendem-se, rapidamente, e são traduzidos para várias línguas logo após a sua publicação. Qual a razão deste sucesso?

Ele o diz: «só falo de Deus». É verdade mas temos de acrescentar que concorre muito para o grande êxito dos seus livros o modo como fala de Deus e dos homens. Fala com a alma, com profundidade teológica, mas de modo que todos o entendem. O que ele diz, aplica-se à vida dos ouvintes, dos leitores, que se sentem tocados pela graça de Deus. Fala a pessoas de «carne e osso» num estilo sereno, correcto e claro, procurando colocar a alma frente a frente com Deus. Dar às almas o Pão e a Palavra, é o seu grande ideal.

Estas Homilias obrigam o leitor a meditar, parando, para medir bem o pensamento de Escrivá, que se apoia sempre nos Padres e Doutores da Igreja, nos Documentos do Magistério Eclesiástico, nos textos litúrgicos e na Sagrada Escritura. Não há dúvida que Escrivá tem uma assistência especial do Espírito Santo. — José Arieiro.

KLOPPENBURG, B., O Ser do Padre. Ed. Vozes. Vol. de 203 ps. 135×205. Petrópolis 1972.

O problema dos Padres preocupa a Igreja em todo o mundo. Em toda a parte se procura uma solução para as dificuldades, que afligem os sacerdotes.

O Autor, conhecido teólogo; resumiu, neste volume, os retiros pregados aos Padres no Brasil e noutras Nações da América Latina.

Começa por descrever a crise, que levou tantos a pedir a redução ao estado laical. Fala, depois, da teologia do sacerdócio, da sua vida espiritual e do celibato. Agita a questão da ordenação de homens casados, transcrevendo, em resumo, as respostas das várias Conferências Episcopais sobre este problema. Diz, a seguir, qual a posição do Padre perante as actividades temporais, declarando que a acção do Padre na ordem temporal deve ser feita sempre «na comunhão eclesial». Reprova a violência nas palavras e nos factos como attitude não evangélica.

Nas actividades temporais, o Padre terá de ponderar até que ponto elas se inserem na missão da Igreja e servem à comunidade cristã e aos homens ainda não evangelizados, procurando formar a consciência dos leigos na animação cristã da ordem temporal. Fala, depois, da posição do Padre quando houver diversas opções políticas, sociais e económicas, afirmando que deve manter certa distância de qualquer cargo ou compromisso político.

No cap. VII trata das relações do Padre com o Bispo, descrevendo as causas da actual crise e como deve ser resolvida, uma vez que, se este estado de conflito não tiver solução, acontece o que estamos a ver, «os Padres começam a actuar à margem da organização eclesiástica, e, praticamente, não aceitam mais a Igreja como instituição». As autoridades terão de rever, quanto antes, estes problemas e dar-lhes a solução que a doutrina sobre o sacerdócio proposta pelo Vaticano II e Documentos posteriores recomendam. Parar é morrer. Este capítulo é actualíssimo.

A crise resulta, «não da má vontade... mas da má adequação das formas institucionais às novas condições, situações e exigências». Resume, a seguir, a teologia do sacerdócio, mostrando como é inexacto dizer que o «padre age em nome do Bispo» ou que «representa o Bispo» ou «no seu poder depende do Bispo». Deve dizer-se, sim, que depende do Bispo «no exercício